

Dr. Mark Jennings, Marcos, Aula 18, Marcos 11:12-12:12, Maldição do Templo, Figueira, Inquilinos

© 2024 Mark Jennings e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 18, Marcos 11:12-12:12, Maldição do Templo, Figueira, Inquilinos.

Olá, bem-vindos de volta enquanto continuamos a trabalhar no Evangelho de Marcos.

Acabamos de terminar a primeira parte do capítulo 11 com a entrada triunfal em Jerusalém. E como você se lembra, bem no final disso, a primeira coisa que Jesus fez lá quando entrou em Jerusalém foi que ele andou até o templo. Mas então, é uma declaração muito abafada.

Na verdade, as frases que Jesus olhou ao redor, e nós discutimos como o verbo que está sendo usado ali, aquele verbo em particular é usado apenas sete vezes no Novo Testamento grego. Seis dessas sete estão no Evangelho de Marcos, e tem a ideia de considerar, avaliar, não apenas olhar. E isso deu um tom um pouco sinistro ao que aconteceria.

E é isso que temos hoje, quando olhamos os versículos 12 a 25. O que veremos é esse episódio que geralmente é chamado de purificação do templo, embora eu vá pedir para repensarmos um pouco esse título. E então, tenha em mente, tudo isso começa com Jesus já tendo entrado, considerado o templo e então retornando.

Agora, quando olhamos para os versículos 12 a 25, temos a história das ações de Jesus no templo imprensada entre uma história de milagre, uma maldição de uma figueira e alguns comentários sobre oração. Estruturalmente, há uma interação muito interessante que acontece aqui: esta figueira, templo de Jerusalém, figueira. Uma das coisas que quero que tracemos é como elas estão trabalhando juntas.

Na verdade, o que veremos durante todo esse processo é Jesus fazendo declarações sobre o templo e a liderança do templo. E isso vai preparar o cenário para o que acontece na maior parte desta semana, que é um desafio entre Jesus e os líderes religiosos, o estabelecimento do templo e, de muitas maneiras, isso se concentra no templo. Uma das principais passagens que veremos hoje, é claro, é o versículo 17.

Estamos construindo em direção ao versículo 17 do capítulo 11. É aqui que Jesus combina dois textos do Antigo Testamento, Isaías 56 e Jeremias 7, de uma forma que

realmente enfatiza toda a passagem. Em outras palavras, há muito nesta seção para cobrir .

Agora, interessante, a maior parte da bolsa de estudos, é claro, é feita sobre as ações de Jesus no templo. Vamos passar muito tempo lá. Mas não há pouca controvérsia sobre esse episódio da figueira, especialmente quando você olha para ele, parece colocar Jesus em uma luz muito desfavorável.

Temos aqui um milagre natural de certa forma, mas um que parece ter Jesus usando seu poder por raiva, um que parece ter Jesus como vingativo em relação a essa árvore porque ela não deu frutos, embora aparentemente estivesse fora de época para isso acontecer. Pelo menos, é assim que o texto pode ser lido. Vamos falar sobre isso.

É um Jesus mal-humorado, como Jesus parece quando não toma café da manhã, e como ele usa esse poder. É uma imagem estranha. O que eu quero que façamos enquanto trabalhamos nisso, enquanto consideramos a história do figo, é lembrar que Marcos tem esse relato do figo como parte do relato do complexo do templo de Jerusalém.

Eles são mutuamente interpretativos da maneira como vimos a estrutura de Marcos. De fato, acho que veremos que Jesus também pretende que seja assim. Vamos fazer isso primeiro.

Vamos olhar os versículos 12-14 aqui no capítulo 11 e então comentar sobre isso e o que está acontecendo e o que talvez não esteja acontecendo e então deixar que isso seja nosso trampolim para a discussão. Versículo 12, no dia seguinte, quando eles vieram de Betânia, ele estava com fome e viu à distância uma figueira com folhas. Ele foi ver se conseguia encontrar alguma coisa nela.

Quando chegou a ela, não encontrou nada além de folhas, pois não era estação de figos. Disse-lhe: Nunca mais coma ninguém fruto de ti. Os seus discípulos ouviram isso.

Aqui temos Jesus. Ele está com fome. Ele vê uma figueira na folha, vai procurar algo para comer e está ao alcance da voz dos discípulos, e esse é um ponto importante; vou voltar a esse ponto; ele amaldiçoa os figos.

Este milagre da natureza, é meio que o oposto, o primo negro do que geralmente temos visto. Geralmente o que Jesus faz é pegar algo que é pequeno em número e produz uma grande quantidade. Aqui, ele amaldiçoou esta figueira.

Ele a tornou incapaz de produzir. Para entender o que está acontecendo aqui, precisamos de um pouco de contexto agrícola. De meados de agosto a meados de outubro, após a colheita do figo, as figueiras e os galhos começariam a brotar brotos.

Então, esses brotos se desenvolvem durante o inverno, e então eles incham para esses brotos verdes em março e abril, seguidos logo por brotos folhosos. Em outras palavras, a figueira frequentemente apresenta um broto antes de produzir folhas. Agora, uma vez que uma figueira está com folhas, pode-se esperar encontrar galhos carregados com todos os tipos desses brotos verdes porque eles estariam no processo de se transformar em folhas.

Esses brotos estarão em vários estados de maturação, se preferir. Às vezes, eles ainda não se tornaram figos completamente, mas estão em algum tipo de processo. Mas esses brotos são comestíveis.

Isso geralmente acontece na primavera, que é mais ou menos o período de tempo do qual estamos falando. Esses brotos poderiam ser comidos. Então, quando Jesus vai até lá, ele vê folhagem e folhas verdes, então ele supõe que haveria algo disponível para comer, ou seja, aqueles brotos, mas não encontra nada.

Acho que isso é importante porque essa declaração, porque não era a estação dos figos, não é algum tipo de defesa da pobre figueira, se você preferir. Não é, você sabe, isso, uau, essa figueira está sendo amaldiçoada por não produzir nada para comer, mas nem era da sua estação. Não é isso que está acontecendo.

Mas porque não era a estação dos figos, mas ainda estava frondoso, isso indica que deveria estar em posição de produzir alguns brotos comestíveis, mesmo que ainda não fosse a fruta completa. E eu acho que essa é uma parte fundamental do elemento. Jesus vai lá porque vê frondoso, e portanto, deveria haver algo para ele comer lá, esses brotos que eventualmente amadurecerão em figos.

Mas também, ele faz isso ao alcance da audição dos discípulos. E eu acho que Marcos nos diz isso porque eu acho que ele quer que entendamos que o que Jesus está prestes a fazer é para os discípulos, para a audição dos discípulos. Houve certos milagres que somente os discípulos foram testemunhas, e este, de muitas maneiras, é um deles.

Isso está preparando o cenário para o que ele vai fazer quando entrar no templo. E o que Jesus, eu acredito, está fazendo aqui com a figueira, aqui está essa figueira que está apresentando todas as indicações de que ela deveria ter esses brotos que podem ser comidos. No entanto, quando Jesus chega lá e percebe que não há nenhum, essa maldição se torna uma exibição visual, uma parábola, se preferir, uma imagem profética.

Da mesma forma que os profetas do Antigo Testamento costumavam ter exibições visuais que ajudavam a acompanhar sua mensagem, esta figueira se torna uma imagem profética do que Jesus fará no templo. Você sabe, de fato, os profetas costumam usar a figueira como um símbolo associado ao julgamento. A figueira é associada ao povo de Israel, e então em termos de julgamento, você vê isso em Isaías 34, você vê isso em Jeremias 29, Oséias capítulo 2, Oséias capítulo 9, Joel 1, Miquéias 7, notavelmente Jeremias 8:13 . Agora, Jeremias 8:13 está neste contexto desta passagem de Jeremias que abordaremos em um segundo.

Mas em Jeremias 8:13, como parte da linguagem de julgamento que Deus está emitindo sobre Israel como resultado de sua atividade, comportamento, postura e desobediência, incluindo sua atividade no templo, diz, não haverá figos na árvore e suas folhas murcharão. Essa é uma declaração de julgamento contra Israel. E então eu acho que o que está acontecendo é que a árvore frondosa é um símbolo, a figueira frondosa é um símbolo do templo, saudável na aparência, mas não dando frutos verdadeiros.

Então, a ação de Jesus em relação à figueira é uma maneira de entendermos Suas ações em relação ao templo. Em outras palavras, o que estou nos inclinando a considerar é que Jesus não purifica o templo tanto quanto o amaldiçoa. Quando Ele vem ao templo, a ideia de chamar isso de limpeza é um pouco imprópria porque uma limpeza tem a ideia de purificar, de corrigir.

Aqui eu acho que o que estamos vendo, o que a figueira nos pede para considerar, não é Jesus reformando ou consertando, mas na verdade amaldiçoando, declarando que suas atividades acabaram e acabaram. Vamos dar uma olhada no que acontece de fato no templo. Então eles vieram, este é o versículo 15, e eles vieram a Jerusalém, e Ele terminou o templo, e Ele começou a expulsar aqueles que vendiam e aqueles que compravam no templo.

Ele derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E não permitiu que ninguém carregasse nada pelo templo. E os ensinava, dizendo: Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? Mas vocês a transformaram em covil de ladrões.

Os principais sacerdotes e os escribas ouviram isso e estavam procurando uma maneira de destruí-lo, pois o temiam por causa de toda a multidão e estavam atônitos com seus ensinamentos. Voltarei ao resto em um segundo, mas quero focar ali. Observe que Jesus faz quatro ações específicas aqui.

Ele expulsa compradores e vendedores, Ele derruba mesas de câmbio, Ele derruba os assentos dos vendedores de pombas, e Ele impede o transporte de vasos do templo. Novamente, foram eles, quando eles entraram, deixe-me encontrar aqui, oh, lá está. Ele entrou no templo, expulsou aqueles que vendiam e aqueles que compravam,

derrubou as mesas dos cambistas, os assentos daqueles que vendiam as pombas, e não permitiu que eles carregassem nada pelo templo, versículos 15 e 16. Eu acho que é importante que olhemos para esses quatro itens e o que está acontecendo porque tem o efeito prático de encerrar a atividade do templo, pelo menos no local onde está ocorrendo.

Não em termos de toda a operação do templo. O templo era tão vasto que não o teria. Mas primeiro, a ideia de que Jesus está simplesmente respondendo à ganância, e esta é uma declaração contra os abusos monetários do templo, é frequentemente discutida, mas acho que perde o elemento essencial do que está ocorrendo aqui. Não estou dizendo que isso não é parte disso, mas, por exemplo, Ele expulsa os compradores e os vendedores.

Agora, se fossem simplesmente aqueles tirando vantagem do sistema, esperaríamos que Ele simplesmente expulsasse os compradores, quero dizer, os vendedores, desculpe-me, os vendedores, mas são os compradores e os vendedores. E tenha em mente que eles estão comprando animais necessários para a atividade sacrificial no templo. Sem a compra e venda de animais, o aspecto de culto sacrificial do templo seria impossível.

Um sacrifício imaculado era o que era exigido. E, frequentemente, os peregrinos que vinham não traziam consigo um animal. Poderia haver o medo de que qualquer animal que trouxessem com eles fosse manchado no caminho.

E havia essa segurança em saber que você poderia obter um no templo que, por falta de um termo melhor, seria sancionado e aprovado como um sacrifício imaculado. Então, parar a compra e a venda de animais era, de muitas maneiras, parar momentaneamente o processo sacrificial. Lucas, curiosamente, não faz nenhuma referência aos compradores.

Lucas apenas faz referência aos vendedores na atividade do templo. E eu acho que isso é consistente com a ênfase de Lucas, em termos de especialmente Jesus se posicionar a favor dos desprivilegiados e dos oprimidos. E então, não quero indicar aqui que não há práticas gananciosas, mas sim que acho que o que Marcos está transmitindo é uma imagem que também inclui os vendedores.

Ele também derrubou os cambistas. Agora, os cambistas eram necessários. Havia doações ao templo que exigiam um imposto do templo.

E esses cambistas forneceriam o dinheiro necessário para pagar o imposto de meio shekel. E esse imposto era exigido de todo judeu do sexo masculino anualmente. E ele deriva de uma interpretação, na verdade, de Êxodo 30, versículo 16.

E o que os cambistas fizeram foi servir os peregrinos, fornecendo a eles a oportunidade de pagar o imposto do templo na moeda correta. Havia ganância naquele sistema? Provavelmente. Quer dizer, dado o que sabemos sobre a liderança da época, eu ficaria surpreso se não houvesse.

Considerando o que sabemos sobre humanos, eu ficaria surpreso se não houvesse. Mas tenha em mente que o processo de troca de dinheiro em si era uma parte necessária da atividade. Ele entregou aqueles que estavam vendendo pombos.

Pombos eram o sacrifício que os pobres podiam pagar. Então aqui estava ele entregando os cambistas, expulsando os compradores e os vendedores, e entregando o pombo, o que seria como se ele estivesse apenas defendendo os pobres, então parece interessante que ele realmente acaba entregando aquelas coisas que eles comprariam. Mas ainda mais crítico, eu acredito, é esta declaração sobre como ele não permitiria que ninguém carregasse nada pelo templo.

Não são apenas certas pessoas que carregam vasos pelo templo, mas qualquer um que carregue qualquer coisa. Então, você tem essa imagem de onde ele está. E, novamente, não acho que devemos presumir que ele está em toda a atividade do templo, sabe o que está acontecendo aqui.

Quero dizer, ele provavelmente está apenas em uma parte disso. E ele está parando a compra de sacrifícios. Ele está parando o imposto do templo.

E agora ele está até mesmo parando toda a atividade, as pessoas entrando e saindo por aquela área e impedindo-as de carregar. Em outras palavras, ele está, em essência, colocando uma parada profética, uma parada simbólica para a atividade do templo. Tudo em que o templo estava envolvido, os sacrifícios, os impostos, as idas e vindas, tudo que era atividade do templo acabou.

E eu acho que é isso que está acontecendo aqui. Eu acho que ele está colocando um fim simbólico no templo. Agora, a razão para isso, então, se torna, é, no versículo 17, não está escrito, minha casa será chamada casa de oração para todas as nações, mas vocês fizeram dela um covil de ladrões.

A primeira parte dessa declaração vem de Isaías 56:7. A segunda parte vem de Jeremias 7:11. Então, o que ele está dizendo na primeira seção? Por causa dessas duas passagens, ele está pegando essas duas, e as está trabalhando juntas. Ele está dizendo que o que ele vê no templo é contra os propósitos do templo. Observe, acho fascinante em Isaías 56:7 que Jesus assume uma posição de profunda autoridade no que ele está prestes a dizer.

Se você olhar para Isaías 56.7, é a casa do Senhor, mas aqui, é a minha casa que está aparecendo. O templo é a minha casa. É quase como se Jesus estivesse tomando uma posição como dono, representante do dono da casa.

Isaías 56.7 também não discute atos de sacrifício, esta passagem. Se a questão era ganância sobre atos de sacrifício, então é pura e única; é uma passagem muito estranha para Jesus escolher. Há muitas passagens no Antigo Testamento que fazem referência ao sacrifício, como o lugar apropriado do sacrifício, o lugar errado do sacrifício e a atitude correta do sacrifício.

Mas aqui o que Jesus diz é, minha casa será chamada casa de oração para todas as nações. Isaías 56, que em si tem um forte impulso escatológico, está olhando para a libertação. O que Jesus está fazendo nesta primeira declaração, eu acho, é declarar que o propósito do templo era ser de comunhão entre Deus e todas as pessoas.

E é somente em Marcos que você tem a declaração completa para todas as nações. É interessante que os outros Evangelhos tenham esse evento, mas eles têm minha casa será chamada casa de oração. Eles param antes de todas as nações.

Agora que Marcos mantém isso; eu acho que continua a falar sobre o que vimos como importante para o Evangelho de Marcos, essa missão gentia, e o propósito de Jesus trazer salvação a todos. Uma das críticas, os julgamentos em relação ao templo, é que eles excluíram as nações de fazer parte do que está acontecendo aqui. Agora, há alguma especulação de que onde Jesus pode ter feito essa atividade pode ter sido a área que realmente foi designada para os gentios.

Havia uma área para os gentios, havia uma área para as mulheres e havia uma área para os homens judeus. Esta área, que deveria ter sido o lugar onde os gentios poderiam vir e prestar homenagem e adorar e participar das atividades do templo, teria sido de tementes a Deus, pessoas que eram de ascendência gentia, mas afirmando Deus. A própria área que deveria ser para suas orações havia se tornado esta troca de mercado, e então isso também pode ter sido uma parte disso.

Mas eu quero, minha nota, eu quero anotar aqui, e vamos voltar a isso daqui a pouco, é que o templo tinha o propósito de oração, de localizar o povo de Deus, interagir com Deus. Segure isso porque vamos voltar a isso. Mas então ele combina isso com Jeremias, mas você fez dele um covil de ladrões.

Agora, isso frequentemente, eu acho, é interpretado incorretamente. Jesus não está dizendo especificamente que você fez disso um lugar onde roubos acontecem. Um lugar onde roubos acontecem seria uma loja ou uma casa.

Então os ladrões fazem o roubo e voltam para o covil deles. O covil deles não é onde o roubo acontece. O covil deles é o esconderijo deles.

Então, o que Jesus está se referindo aqui é que, em vez de esse lugar ser caracterizado como oração, como adoração, o que caracteriza um lugar é quem o habita. Em vez de esse lugar ser caracterizado como um grupo de pessoas que realmente estão buscando a Deus, ele está sendo habitado por pessoas que são ladrões. Então, não é, e isso muda um pouco.

Isso muda de limpeza, que teria a ideia de roubo acontecendo aqui, precisamos parar essa atividade, para você fez disso um esconderijo de bandido. Quem caracteriza esse lugar? Bem, são pessoas que estão roubando. Quando olhamos para o contexto, mesmo em Jeremias, onde no discurso de Jeremias, ele está ousadamente ameaçando a destruição do templo, Jeremias faz seu anúncio no meio do templo, na verdade, quando ele faz isso.

Ele é preso por isso, sentenciado à morte, mas sua vida é poupada. Temos aqui em Jeremias essa repreensão que ocorre. Curiosamente, essa repreensão que ocorre contra o templo inclui aquela referência no capítulo oito do Julgamento, onde não há uvas na videira, nem figos na figueira, e as folhas estão murchas.

Então, no discurso de julgamento de Jeremias contra a parábola dos lavradores maus e em todo esse texto, há uma discussão sobre a figueira. E mesmo esse termo, a propósito, que é usado, ladrões, tem mais a ideia de um bandido do que de um simples ladrão, a ideia de um criminoso violento, de alguém que está em revolta. Então, eu acho que quando Jesus mistura essas duas declarações, o que ele está efetivamente fazendo é dizer que esse grupo finge ser pessoas que estão adorando, mas na realidade, eles são mais como bandidos, eles são mais como aqueles que estão se opondo aos propósitos de Deus nos dias de Jeremias, o que me leva à conclusão de que o que Jesus está dizendo aqui e o que ele está fazendo aqui é uma declaração de julgamento semelhante a Jeremias, semelhante aos profetas do Antigo Testamento.

Ele está usando, e a maldição da figueira é parte desse entendimento. É fascinante quando você olha para Jeremias 7. Jeremias 7 na verdade é pego nos Manuscritos do Mar Morto como parte de uma passagem, eles entendem ser a linguagem de julgamento chegando. Josefo se refere a, faz referência a vários movimentos onde Jeremias 7 foi usado durante alguns desses períodos de tempo em antecipação à destruição do templo.

Então, o Targum nesta passagem, na passagem de Jeremias 7, localiza-a também dentro desses grupos de pessoas que são enganosas em suas palavras, que são falsos pretendentes do que Deus está fazendo. Então você tem essa história de localizar Jeremias 7 como uma declaração de julgamento. Eu acho que Jesus está fazendo isso também.

E então Jesus faz essa declaração, e o versículo 18, eu acho, afirma um reconhecimento do que Jesus está dizendo sobre o templo. Então, ele profeticamente interrompeu sua atividade. Ele disse que esta não é uma casa de oração.

É aqui que os ladrões estão se reunindo. No contexto de Jeremias, isso significaria que o julgamento, a resposta correta de Deus sobre este templo é o julgamento. Esta seria a continuação daquela história.

E eu acho que os principais sacerdotes entendem o que ele está dizendo, versículo 18 porque diz que os principais sacerdotes e os escribas ouviram isso e estavam procurando uma maneira de destruí-lo, pois o temiam porque toda a multidão estava atônita com seus ensinamentos. Então, a resposta deles aqui, agora temos a rejeição, a conclusão adicional da rejeição dos líderes religiosos de Jesus para matá-lo, algo que sabemos que eles têm feito e buscado fazer, mas agora são os líderes de Jerusalém buscando fazer isso. Então, olhamos para isso, e temos esta imagem. Então, podemos voltar para a história dos figos.

E, quando chegou a tarde, saíram da cidade. E, passando pela manhã, viram que a figueira havia secado até as raízes. E Pedro se lembrou e disse-lhe: Rabi, olha, a figueira que amaldiçoaste secou.

A ideia ali no versículo 21 é que isso é o que vai acontecer com o templo, que o que aconteceu com a figueira, ela não estava produzindo o que deveria estar fazendo. Ela parecia de um jeito, mas agia de outro. Jesus a amaldiçoou, disse que você nunca mais daria frutos, e disse que isso é o que ele fez com o templo em suas ações, declarou uma maldição sobre ela, e cessou sua atividade.

O retorno da figueira mostra que de fato as palavras de Jesus eram verdadeiras e seu julgamento veio a ser é um prenúncio do que então ocorrerá ao templo. E, claro, sabemos que o templo é destruído, mas ainda mais do que isso, temos esse templo chegando ao fim neste contexto de oração. Observe o versículo 22, e frequentemente os versículos 22 a 25 quase são tratados como uma reflexão tardia, e eu não acho que seja uma reflexão tardia.

E Jesus lhes respondeu: Tende fé em Deus. Em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, assim lhe será feito. Por isso vos digo que tudo o que pedirdes em oração, crede que o recebestes, e tudo será vosso.

Sempre que vocês estiverem orando, perdoem se tiverem alguma coisa contra alguém, para que seu Pai, que está nos céus, também possa perdoar suas ofensas. A razão pela qual acho isso fascinante é, antes de tudo, que essa ideia de montanha está certa neste contexto do Monte Sião aqui, e então pode ser que até mesmo essa

montanha em si esteja sendo referenciada, sendo jogada, então talvez haja até mesmo uma linguagem de destruição em vista ali. Você tem, é claro, Isaías 43:5, onde Sião é uma montanha que tem resistido constantemente, e seu movimento pode ser uma referência de julgamento.

Zacarias 4:7, a grande montanha é rebaixada no contexto de um templo. Mas mesmo que seja mais proverbial, falando sobre o significado da fé, observe que o episódio se concentra na oração. O que quer que você peça em oração, sempre que estiver orando, então a linguagem do perdão, a linguagem da fé crente é a oração.

Há uma sensação, eu acredito, de que o templo foi declarado que deveria ter sido uma casa de oração para as nações, mas em vez disso foi abrigado por ladrões e assaltantes, aqueles que não eram quem deveriam ter sido. Jesus declarou o fim do templo, mas não declarou o fim da razão para o templo, que era ser uma casa de oração. E agora, no contexto com a aclamação de Pedro de que a figueira não existe mais, há uma tensão de, bem, então, onde a oração acontecerá? Se a figueira é o templo, e a figueira não existe mais, então onde estará o centro da fé? Onde está o centro da interação com Deus? E Jesus implicitamente o coloca aqui agora na igreja.

Que eles estarão orando, que a oração continuará. Que isso, que tudo o que você pedir com fé, você sabe, ocorrerá.

E eu acho que é apenas uma sugestão, não acho que seja apenas uma reflexão tardia, mas acho que há uma garantia interessante de que a oração continua, mesmo que a figueira, que é o templo, não exista mais. Vamos continuar olhando em Marcos capítulo 11, conforme chegamos aqui ao versículo 27. Agora, o 27 vai começar uma série de sete histórias de conflito entre Jesus e os líderes religiosos.

Histórias muito semelhantes aos capítulos 2 e 3. Em outras palavras, os conflitos em si não são tão novos, mas agora é com a liderança de Jerusalém. Agora é com o templo e não com uma sinagoga. E os conflitos vão novamente se concentrar em torno da questão da autoridade.

Mas agora não são apenas os escribas, mas o Sinédrio que entra em cena. O Sinédrio são os 71 líderes que estão no centro do governo religioso judaico. Então, vamos dar uma olhada nos primeiros 27 a 33.

Novamente, 27 a 12 iniciam esta série de conflitos. Eu só quero olhar para 27 a 33 para definir o cenário aqui. E eles entraram novamente em Jerusalém.

Então, eles estão indo para Jerusalém, eles estão saindo de Jerusalém, eles estão voltando para Jerusalém. Enquanto ele estava andando no templo, ele novamente notou que tudo isso estava acontecendo no templo. O sumo sacerdote, os escribas e os anciãos vieram até ele.

E perguntaram-lhe: Com que autoridade fazes estas coisas, ou quem te deu esta autoridade para as fazeres? E Jesus disse-lhes: Farei uma pergunta a vocês. Respondam-me, e eu lhes direi com que autoridade faço estas coisas. O batismo de João era do céu ou do homem? Respondam-me. E eles discutiam entre si.

E eles estão dizendo, se dissermos do céu, ele dirá, por que então vocês não acreditam nele? E diremos do homem? Pois eles estavam com medo do povo. Todos eles sustentavam que João realmente era um profeta. Então eles responderam a Jesus, nós não sabemos.

E Jesus lhes disse: Nem eu vos direi com que autoridade faço estas coisas. Temos aqui, esta é a única vez, fora do julgamento dele, que temos esses líderes religiosos se aproximando, esses grupos do Sinédrio se aproximando de Jesus. Agora, a pergunta que eles fazem é autoridade.

Novamente, isso prepara o cenário para o que Marcos vem fazendo o tempo todo, que é apresentar Jesus na questão de sua força. E eles provavelmente pensam que o pegaram porque estão reconhecendo que ele está fazendo esse grande ensinamento. Agora eles querem saber com que direito ele está fazendo isso, com a autoridade de quem.

É muito típico nesse tipo de debate ter uma pergunta respondida por uma contrapergunta. Então o que Jesus faz aqui ao fazer uma contrapergunta não é incomum ou mesmo surpreendente. E um debatedor habilidoso nesse processo faria uma contrapergunta que seria projetada para chegar ao cerne da questão.

Então aqui Jesus faz uma pergunta sobre João. Por qual autoridade o batismo de João é do céu ou do homem? E agora, é claro, isso coloca os líderes religiosos em uma posição muito difícil. Eles entendem que têm três opções.

Uma é não dizer nada e admitir basicamente a derrota. A outra é responder do céu ou do homem. Nenhuma delas funciona.

Eles não podem dizer que é do céu, porque dizer do céu seria afirmar João e tudo o que João estava dizendo. E sabemos pela primeira parte do capítulo um de Marcos que João estava dizendo que Jesus é o mais forte. Jesus é aquele que está por vir.

João batizou Jesus. E então, há uma forte conexão entre João e Jesus. E até mesmo lembre-se da história da decapitação de João Batista, havia essa questão de como Jesus estava conectado com João Batista.

E mesmo quando Jesus estava perguntando aos discípulos, quem as pessoas dizem que eu sou? Alguns dizem que você é João Batista, o que significa que há um

reconhecimento de que essa é uma conexão forte. Então, se eles afirmam João, eles estão implicitamente afirmando Jesus. Mas se eles negam João, então isso os preocupa, não porque eles não queiram negar João.

Observe que a razão não é, bem, nós realmente gostamos do que João Batista estava dizendo. A razão é que as pessoas gostaram do que João estava dizendo. A razão era que as pessoas viam João Batista como um profeta.

Então, eles não querem dizer que a autoridade de João era baseada em humanos. Seu batismo foi simplesmente uma atividade humana porque então eles temiam a multidão. A motivação não é como eles pesam ou não pesam as palavras de João Batista; é uma questão de como a multidão responderá.

É fascinante como as pessoas no Evangelho de Marcos frequentemente tomam decisões por medo das opiniões dos outros. Vimos isso, seja na decapitação de João Batista. Vimos a multidão dizer isso sobre Jesus várias vezes.

Veremos isso de novo. Vemos isso aqui com João. Mesmo quando você olha para alguns dos discípulos, eles constantemente trazem à tona as preocupações dos outros ou o que outras pessoas podem pensar.

Há esse outro foco constante. Então, é claro, eles tomam a única resposta que podem, que é dizer, não sabemos, significando que eles não sabem se o batismo de João foi humano ou divino. Eles alegam ignorância sobre isso.

A ironia é que esses são os líderes religiosos que são os mesmos que supostamente são capazes de discernir se algo é do céu, de Deus ou humano, e eles têm que dizer que não sabem, ao que Jesus então diz, bem, então eu também não vou te dizer com que autoridade eu faço essas coisas, implicando que se eles não estão dispostos a dizer que a autoridade de João é do céu, então Jesus não está disposto a dizer qual é a autoridade dele. E é meio que essa sensação de que se você não entende João, você nunca vai me entender. Se você não está disposto a ver o que até mesmo as multidões reconhecem em João, então você não vai entender o que eu tenho a dizer.

E essa é essa resposta. Então observe no versículo 1, isso continua nesse debate, ele começa a contar uma parábola. Agora, essa é a única parábola significativa fora de Marcos 4. A parábola é essencialmente a história de Israel e sua interação com Jesus, a história do povo judeu e sua interação com Jesus contada dentro da história de Israel, imagens, imagens do Antigo Testamento e agricultura.

Antes de lermos a parábola, uma coisa a ter em mente é que, durante esse tempo, a propriedade ausente de terras não era um conceito incomum. Muitas vezes, havia proprietários ausentes que deixavam supervisores para administrar a terra.

Proprietários ausentes eram às vezes vistos como um dos problemas econômicos que ocorriam aqui.

Além disso, como antes de lermos a parábola, a imagem do Antigo Testamento que vem muito forte aqui é Isaías 5:1-2, onde Israel é chamado de vinha de Deus. Cantarei uma canção sobre sua vinha para aquele que amo. Meu amado tinha uma vinha em uma encosta fértil.

Ele a desenterrou, limpou-a de pedras e plantou-a com as videiras escolhidas. Ele construiu uma torre de vigia nela para cortar um lagar também. Então ele procurou uma colheita de uvas boas, mas ela produziu apenas frutas ruins.

Isso é de Isaías, onde Deus descreve Israel como sua vinha, mas ela só produz frutos ruins. Então, eu quero olhar através desta parábola, e então terminaremos aqui. Então, nós temos esta prática de propriedade de terra ausente dentro desta imagem do Antigo Testamento.

E começou a falar com eles por parábolas. Um homem plantou uma vinha, colocou uma cerca ao redor dela, cavou um poço para o lagar e construiu uma torre. Observe todas as imagens que obtivemos de Isaías ali.

A torre, o lagar, e assim por diante. E arrendou-a a arrendatários e foi para outro país, ausente da propriedade da terra. Quando chegou a estação, ele enviou um servo aos arrendatários para obter deles algumas frutas da vinha.

E eles o pegaram e o espancaram e o mandaram embora de mãos vazias. Novamente, ele enviou a eles outro servo, e eles o golpearam na cabeça e o trataram vergonhosamente. E ele enviou outro, e a ele eles mataram.

E assim, com muitos outros, alguns eles espancaram, alguns eles mataram. Ele ainda tinha um outro, um filho amado. Finalmente, ele o enviou a eles, dizendo que respeitariam meu filho.

Mas aqueles lavradores disseram uns aos outros: Este é o herdeiro. Venham, matemo-lo, e a herança será nossa. E eles o pegaram, mataram-no e o lançaram para fora da vinha.

Agora, o que fará o dono da vinha? Ele virá e destruirá os arrendatários e dará a vinha a outros. Vocês não leram esta escritura? A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular. E isto foi obra do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos.

Versículo 12, eles foram embora procurando prendê-lo, mas temeram o povo, pois perceberam que ele contava a parábola contra eles. Então, eles o deixaram e foram embora. Então, eles entenderam o propósito da parábola.

Há um proprietário de terras que não está lá. Ironicamente, o proprietário de terras normalmente seria o cara mau nessas parábolas agrícolas, e os fazendeiros arrendatários seriam os mocinhos. Aqui, é invertido. Ele envia todos esses servos para ver o fruto da vinha, e eles continuam matando e abusando.

E finalmente, ele envia seu filho. Agora, novamente, uma parábola que você não esperaria na vida real enviar o filho depois que todos esses servos tiveram dificuldades. O que você normalmente esperaria neste ponto seria que o proprietário de terras teria enviado e pago para homens armados entrarem e matarem os fazendeiros arrendatários, e ele os substituiria por um novo.

Mas, em vez disso, o proprietário envia seu filho, seu filho amado. Isso é importante porque é assim que Jesus tem sido chamado por Deus em todo o Evangelho de Marcos. No batismo, na transfiguração, o filho que eu amo, meu filho amado.

Ele também pega a imagem com a linguagem de Isaac como o filho amado de Abraão. Ele pega a ideia de Davi como um filho amado de Israel, como um filho amado. Jacó como um filho amado.

Toda essa linguagem pega. E ele envia o filho que tem a autoridade da vinha. Lembre-se, essa parábola era parte da questão de qual autoridade você usa para fazer essas coisas. E o que essa parábola está desempacotando é o filho que veio a esta vinha e tem rejeitado todos que o proprietário tem enviado.

O filho vem com a autoridade do proprietário da terra. Então, implicitamente, Jesus está respondendo à pergunta. Mesmo em forma de parábola, ele está se identificando como o filho que veio com a autoridade da vinha.

E se toda essa imagem de Isaías está em vista, é a autoridade de Deus que plantou a vinha com a torre de vigia e tudo isso. E então, temos essa declaração, e é claro, eles matam o filho e o jogam para fora da vinha. O que o dono da vinha fará? Bem, ele virá e destruirá os arrendatários e dará a vinha a outros.

Minha casa era para ser uma casa de oração para as nações, mas vocês fizeram dela um covil de ladrões, a maldição da figueira. Acho que isso continua a mesma linha de pensamento. Agora observe que não é a vinha que é destruída. São os arrendatários que são destruídos.

A vinha é dada a outros. Acho que esse é um elemento importante. E então há um Salmo muito interessante que é adicionado a ela.

Salmo 118:22 a 23. Vocês não leram a escritura? A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular. Parece muito estranho.

Na verdade, este Salmo é um dos principais Salmos do cristianismo primitivo. Ele é frequentemente parte da resposta do Novo Testamento ao problema da rejeição, rejeição judaica, de Jesus. A parábola muda a história da agricultura para a construção.

Então, você tem uma mudança, mas o propósito dela é terminar a história do filho. Porque na parábola da vinha, o filho é morto. E Deus, o dono da terra, faz o julgamento.

Mas o que o Salmo faz é indicar que o filho é vindicado. É assim que o filho é uma pedra que os construtores rejeitaram. Ele tem a ideia de que o filho que é rejeitado se torna a pedra angular, se torna a pedra angular do templo.

Nesta imagem de templo, se preferir, com a qual ainda estamos trabalhando, este novo templo. E eles entendem isso. E é isso que eu acho importante.

Este não é um discípulo; o que esta parábola significa? Por favor, explique a situação. Eles entendem que a parábola foi contada contra eles, que eles são os arrendatários, que eles são aqueles que rejeitaram a pedra angular, rejeitaram o filho, que eles são aqueles que estão abusando da vinha. E então, o que eles fazem? Eles o deixaram e foram embora.

Eles temiam o povo. A decisão contra Jesus agora está completa, mas o cenário é o problema. Claro, eventualmente chegaremos a um lugar onde o cenário, as multidões, não serão o problema.

Vamos pegar isso e continuar na próxima vez, enquanto trabalhamos no capítulo 12 de Marcos.

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 18, Marcos 11:12-12:12, Maldição do Templo, Figueira, Inquilinos.